

## *Oferenda ao Orí, Borí, um rito de comunhão.*<sup>1</sup>

*Aulo Barretti Filho*<sup>2</sup>

A proposta deste artigo é delinear um rito elaborado a quem se propõe a ingressar na religião dos *Òrìṣà*, nos candomblés ditos de nação *Kétu* no Brasil, de origem étnica *Yorùbá*.

Todos os conceitos teológicos enunciados são obviamente dogmáticos, e se não aceitos nem ao menos por hipótese, não será possível compreender, nem tampouco estudar a religião tradicional dos *yorùbá*, e professá-la então no candomblé<sup>3</sup>, seria impraticável, pois, fica indiscutivelmente ilógica, a questão da fé.

Previamente há de se conceituar que, *Àiyé* é o universo físico concreto<sup>4</sup> onde está a Terra e o *Òrun* é outra dimensão ou espaço sobrenatural – o Além. São dois espaços ou dimensões que coexistem, mas nunca se encontram, sendo, portanto, “paralelos”. Doravante, comumente usaremos *àiyé* como o nosso mundo, o planeta Terra.

---

<sup>1</sup> Original em: *Revista Ébano*: Ano IV n.º 21, p.4, São Paulo, 1984. Novamente, esse artigo foi reeditado, ampliado, revisado e adaptado para internet, agora, em outubro de 2010, para o nosso site.

<sup>2</sup> Pesquisador, escritor e professor da religião tradicional *Yorùbá* e da afrodescendente. *Bàbálórìṣà* do candomblé *Ilé Àṣe Ode Kitálesi* (em São Paulo, Brasil) e *Aṣojú Oba Alákétu* (em *Kétu*, no Benim).

<sup>3</sup> Leia sobre o *Òrìṣàismo*, de Aulo Barretti Filho. In: <http://aulobarretti.wordpress.com/orisaismo>

<sup>4</sup> *Olódùmarè*, o Ser Supremo dos *Yorùbá*, cria o *Àiyé*, o universo conhecido e desconhecido, ou seja, inclusive galáxias que a tecnologia ainda não nos permitiu descobrir, ainda assim, será o *Àiyé*, o aqui e o agora.

O Além, essa outra dimensão paralela ao *àiyé*, é o *òrun*, onde habita *Olódùmarè*, o Preexistente, o Ser Supremo que por este fato recebe o cognome de *Olórun*, Senhor e possuidor do *òrun*.

*Olódùmarè* e os habitantes do *òrun* são conhecidos por *aráòrun*, seres do *òrun*, enquanto os seres do *àiyé*, *aráyé*. Portanto, somos *aráyé*, enquanto as divindades, os *òrìsà* e outros são *aráòrun*.

Quando um *aráyé* morre se torna um *òkúòrun*, aquele que morreu como *aráyé*, agora mora no *òrun*, passa então, a ser chamado de *égún*, um ancestral, um *òkúòrun*.

Partindo-se da premissa: Tudo que existe no *àiyé*, também, existe no *òrun*. Nem tudo que existe no *òrun*, existe no *àiyé*. Nota-se que o sistema *òrun-àiyé* é muito mais complexo do que se imagina, sendo o *àiyé*, uma “réplica” parcial e “paralela” do *òrun*, tudo que nele existe são “materializações” do *òrun*, portanto, subtende-se que o homem é a “materialização” dele próprio no *àiyé*. Portanto, para o *yorùbá*, ele coexiste nos dois planos de existência: no *òrun*, chamado de *Ènikèjì*<sup>5</sup> em sua forma “energética ou antimatéria”, e no *àiyé*, na sua forma material ou humana, tudo num mesmo período de tempo, numa coexistência, “da matéria e da antimatéria”.<sup>6</sup> Formas e dimensões distintas que coexistem, mas, que nunca se encontram.<sup>7</sup>

O homem cultua o seu elemento mais sacro, o *Orí*, sua cabeça. *Borí* é o rito de oferenda à cabeça (*ebò Orí*), que consiste em assentar, sacralizar, reverenciar e ofertar o *òrìsà Orí*, portanto, cultuar e louvar *Orí* e assim estabelecer o elo entre a cabeça (*orí*) do

<sup>5</sup> O ser humano, o homem, assim refere-se a si mesmo: “a minha segunda pessoa espiritual, meu *Ènikèjì*”, usando como referencial o seu estado material que vive esse momento, nesse mundo. Pois, melhor seria: “minha primeira pessoa espiritual” se o referencial fosse outro.

<sup>6</sup> As noções imprescindíveis e fundamentais de conceito de pessoa, como nascimento, vida, morte e imortalidade do homem *yorùbá* tradicional e conseqüentemente do devoto do candomblé *Kétu*, não fazem parte deste artigo, pois o mote é o *Borí*, mesmo assim, fica impraticável falar de *Orí*, sem adentrar em noção de pessoa, para fundamentar o mínimo necessário, para melhor elucidar o leitor.

<sup>7</sup> Para conceitos específicos sobre a noção de pessoa e o caminhar do homem *yorùbá*, ver, In: “A Imortalidade *Yorùbá* nos *Candomblés Kétu*”, Barretti, 2009.

neófito que esta no *àiyé* e a cabeça do seu duplo (*Enikejì*) que esta no *òrun*, ou seja, criar a harmonia e equilíbrio necessários à vida. (análogo ao conceito do complexo *Òrun/Àiyé*)

A coexistência do *orí-òrun* e *orí-àiyé* do homem perfaz o *òrìsà Orí*, e, é através dos ritos próprios do *Borí*, que se estabelece essa comunhão, é assim que se busca a estabilidade espiritual. É desta forma que se consegue optar e viver melhor, o mais próspero possível. *Orí* é quem sempre está mais próximo do homem, portanto é fundamental harmonizar a coexistência.

Somente o *òrìsà Orí*, é assentado, sacralizado, reverenciado e ofertado no cerimonial do *Borí*, esse é um dos mais importantes rituais da religião, pois abrange todos os adeptos de forma igualitária e sem distinções. Assim sendo, deve-se sempre rogar e ofertar antes de todos os outros. Essa é uma regra rígida e deve ser obedecida, ao contrario, sofrerá sérias sanções.

O que é interessante (e óbvio) notar neste ritual, é que o neófito nunca entra em transe, pois o rito é feito para sua própria cabeça, por extensão para ele próprio, portanto, não há como ter transe de si próprio.

Enfatizando, a única divindade cultuada no *Borí* é o *Orí*. Nenhuma das divindades normalmente vistas “incorporadas” nos rituais do candomblé, como por exemplo, *Ògún*, *Oya*, *Yemoja*, e tantas outras, que se caracterizam por “incorporar” nos seus iniciados, essas, não são cultuadas e nem tampouco louvadas no rito do *Borí*. Portanto, reafirmamos, não existe transe no neófito no ritual do *Borí*.

Pois, para cultuar essas divindades (as citadas, entre outras) é necessário que o neófito já tenha seu *Orí* assentado, é quando recebe o *oyè* (título) de “Borizado” (ou “Boriado”). Sendo assim, somente depois do *Borí* é que outras divindades poderão ser

cultuadas ou assentadas, e se for o caso, gerar transe no então, já “boriado”, pois, sua cabeça, já foi assentada e está sendo cultuada, portanto, apta para dar seqüência a outras iniciações, ou seja, de sua divindade, que pode ou não, gerar transe.

É também digno de nota, que os elementos usados para simbolizar o *Orí* em seu assento são únicos, pois, diferem e nem tampouco se assemelham, nem externamente e tampouco interiormente com nenhum dos outros assentamentos dos *òrìsà* que comumente geram transe, ou seja, não é simbolizado, por exemplo, com um *òkúta* e/ou “*ota*” (pedra ou seixo) e nem em *irin* (ferro). O que é completamente plausível e lógico, pois, os conceitos e rituais relatados - nada têm em comum.

*Orí* é a cabeça total do homem na Terra, a que vemos e tateamos, divide-se em *orí-òde* (externa), o crânio palpável, e *ori-inú*<sup>8</sup> (interna), tudo o que preenche o crânio, o cérebro, tanto no sentido das tarefas (fisiológicas) por ele coordenadas, controladas e reguladas, e também no contexto das realizações, como as emoções, a consciência (*èrì-okán*), a inteligência, *ogbón*, entre outros, mas principalmente as memórias, os *iyè*, não só no sentido físico, mas também os aspectos imateriais e os espirituais que ai se concentra. Cultua-se o *Orí* e ritualiza-se no *Borí*, na sua forma mais pratica e tangível, no crânio do neófito.

O símbolo do duplo do *òrun* é representado no *àiyé*, por vasilhas, esse conjunto chama-se *igbá-orí* (no candomblé) ou *ilé-orí* (para os *yorùbá*) que é o *orí-òrun*, que serão assentadas e sacralizadas durante o ritual. Os assentos a serem confeccionados no *Borí*, são o *igbá-orí* e o *kòlòbó*. Separados, o *igbá-orí*<sup>9</sup> é um receptáculo com tampa que

---

<sup>8</sup> *Inú* em *yorùbá* significa tudo o que é interno de algo, o preenchimento de alguma coisa, no caso, o interior da cavidade craniana, o cérebro.

<sup>9</sup> É o crânio, propriamente dito, em *yorùbá* é também chamado de *igbá-orí*, a "caixa perfeita", (Abraham, p. 27 – *agbárí*: crânio (< *igbá orí*.) que aloja e resguarda o cérebro, *opolo*. Barretti, 2011, dados na internet em [Divulgação e Dados da Conferência](#).

representa seu *orí-òde òrun* e o *kòlòbó ou iborí*, são semelhantes, porém bem menor que o outro, e representa seu *orí-inú òrun*. O conjunto *igbá-orí / kòlòbó* representa o seu *orí-òrun* e, o conjunto *orí-òde àiyé / orí-inú àiyé* o seu *orí-àiyé*, esses conjuntos (onde, obviamente, se incluem as coexistências espirituais) compõem o *òrìsà Orí*, a ser ofertado no ritual do *Borí*, tanto no neófito e como nas vasilhas representativas, assim, corroborando e comungando a coexistência do homem.

Os *òrìsà funfun Obátálá*, *Òrúnmilà* e *Àjàlá*, fazem parte da criação do homem no *òrun*. E no *àiyé*, o polivalente, *òrìsà Èsù*, cumpre suas funções<sup>10</sup>. Essas são as únicas divindades a serem saudadas no *Borí*. *Note: somente saudadas, vejam.*

Na gênese *yorúbá*, no *òrun*, é o *òrìsà funfun Òrìsànlá (Obátálá)* que cria, molda e esculpe todo o nosso corpo (*ara*) é assim ele cria o *ara òrun*, o corpo do *òrun*, completo, inclusive o *orí òrun*. Por esse motivo, *Òrìsànlá* passa a ser conhecido por *Alámòrere*, “Senhor da boa argila”, portanto, deve ser reverenciado e saudado no *Borí*.

Mesmo depois de finalizada a “escultura” do *ara òrun*, ela continua a ser inanimada, e assim permanece “estocada” e na espera de um ato executado isoladamente por *Olódùmarè*, o Criador, que emana para a figura inanimada o *èmí*<sup>11</sup>, Seu eflúvio imperecível, e desta forma, a escultura de *Obátálá* torna-se “viva”. Assim, Ele cria o *aráòrun*<sup>12</sup> - sem testemunhas, nem do próprio *Òrìsànlá*, de forma desconhecida e totalmente dogmática.

---

<sup>10</sup> Mais dados em “*Òsòòsì e Èsù*, os *Òrìsà Alákétu*”. Barretti, 2010.

<sup>11</sup> Abraham, p. 187: *èmí*: (1) life [vida].

<sup>12</sup> Entende-se aqui “o homem” (o *doble* no *òrun*) como “energia (vital)”, “antimatéria”, etc. Ou ainda, se quiserem “espírito”. Com todas as devidas reservas dos termos usados, em relação aos seus conceitos e definições originais (ocidentais ou asiáticas).

Quando da criação do *aráòrun*, implicitamente Ele outorga ao “futuro homem” à eternidade, chamada de *iyè-è mí*, a memória da imortalidade. Sendo então, aclamado *Eléè mí*, "Senhor da imortalidade".<sup>13</sup>

Após ter se tornado *aráòrun*, ele detém agora a capacidade cerebral (*orí-inú*), logo, o raciocínio e o pensamento. Sendo assim, *Olódùmarè* lhe concede o poder de escolha, ou seja, o livre arbítrio. *Olódùmarè* assim cria o *Òrìṣà Orí*, o *òrìṣà* pessoal e individual de cada homem, conseqüentemente, se estabelece o “conceito de *orí*”. Notamos quão importante é o significado do *Orí*, em particular o *ori-inú-òrun*, ao ponto de *Olódùmarè* permitir ao *aráòrun* usar o livre arbítrio para “escolhê-lo”.

A escolha do “*Orí*” – Na verdade é uma metáfora<sup>14</sup>, pois o *orí* já foi criado, é a justificativa religiosa para dizer que agora, o *aráòrun* possui consciência (*èrí-okán*) e inteligência (*ogbón*), e principalmente o livre arbítrio. Veremos o que é de fato, teologicamente e filosoficamente falando, escolhido no *òrun*, e assim confirmar o mito da escolha em si.

O *òrìṣà Òrúnmilà*, senhor do oráculo sagrado, que através dos 256 *Odù* (signos do oráculo) existentes, cede “genes” divinos (porções ínfimas - *ipín*) desses *Odù* para serem “amalgamados”, “moldados” e “cozidos” por mais um *funfun*, *Àjàlá* ou *Àjàlámò* o “oleiro” do *òrun*, e ainda por *Àjàlámòpín*<sup>15</sup>, aquele que molda [esses] *ipín*. Quando “seco” e pronto esse “gene” passa a “conter” um dos 256 *ipín-odù* existentes, e assim permanece estocado e zelado por *Àjàlá*, a espera da escolha do *aráòrun*; quando o fato

---

<sup>13</sup> Não confundir, cf. nota 11. Com o verbo *mí* que significa respirar e principalmente com a palavra *èémí*, que dizer respiração. [Abraham, 1981[1946]: 420 - *mí*: respirar; (12) a) *èémí*: respiração, hálito [...]. ]

<sup>14</sup> Abimbola, 1975, pp.118(v: 15), 120(v: 81-83), 124(v: 255), 125(v: 15), 127(v: 1-83), 131(v: 255).

<sup>15</sup> Fama, 1996: 8. Neimark, 1993: 151

advém, o *aráḡrun*, através do livre-arbítrio adquirido, escolhe o seu *ipín-odù*, o seu “*Odù de Vida*”, dessa vida, que está preste a ocorrer - o nascer.

Simbolicamente esse *ipín-odù* fica codificado no seu simbolismo mais profundo o *orí-inú ḡrun*, que contêm o intangível, o *iyè-è mí*, a memória da imortalidade, e o *iyè-àpò*, a memória (agora) adquirida, entenda a memória que registrará todos os momentos dessa nova vida que acontecerá. O *iyè-è mí* e *iyè-àpò*<sup>16</sup> são os imperecíveis do “futuro homem”. Sendo assim, as divindades acima relatadas, também devem ser reverenciados e saudados no *Borí*.

Após o nascimento de fato no *àiyé*, o homem detém e mantém “todas” as condições divinas adquiridas no *Ḡrun*. O ser humano possui características específicas e individuais que podemos chamar (de uma forma simplificada) de personalidade, o *Odù* escolhido (*ipín-odù*) é um dos componentes que perfazem a nossa individualização.

*Orí* é o *òrìsà* individual de todo homem, o poder de *Orí* se concentra no cérebro (*orí-inú àiyé*) e se concretiza através de comandos fisiológicos por ele, cérebro, emitidos, que resultam em ações e no dinamismo do ser; *Èsù*, no *àiyé* é o *start* dessa dinâmica fisiológica.<sup>17</sup>

E lógico que para o ritual de assentamento do *Orí* e o conseguinte *Borí* é necessário um período mínimo de três dias de recolhimento na casa de culto, para ser realizada esta obrigação. No linguajar do candomblé “a cabeça come”, o *òrìsà Orí* come, e, é principalmente desta forma que mais se recebe e acumula *àse*.

O que normalmente acontece em alguns candomblés, é fazer deste cerimonial uma pré-iniciação do *òrìsà* de “cabeça” do neófito, pouquíssimo ou nada se faz, da sua

---

<sup>16</sup> O se que se escolhe de fato é o *iyè-àpò*, ainda que esse só seja ativado no seu nascimento no *àiyé*.

<sup>17</sup> No Brasil, *Èsù* nessa passagem, recebe o epíteto de *Bara*. O que nos leva a outras reflexões, que não pertencem a esse texto, essas estarão, em “O Homem *Yorùbá* e a Imortalidade”, em andamento, Barretti, 2012.

única e real função, que é assentar, cultuar e ofertar *Orí*. Esses sacerdotes somente fazem uma pré-iniciação de divindades, que só futuramente deveriam ser cultuadas, divindades estas, que são responsáveis por “transes mediúnicos”.

Queremos enfatizar que um cerimonial é totalmente independente do outro. Que poderão ser realizados em épocas diferentes ou na mesma época, mas, sempre em dias diferentes e a ordem nunca poderá ser mudada, primeiro o *Orí* e após a divindade, isto é imutável. Como diz um verso religioso *yorùbá* (*ese ifá*):

“*Nenhuma divindade poderá ser adorada, sem o consentimento do seu próprio Orí*”.

## Bibliografia

- ABIMBOLA, Wande. *Sixteen Great Poems of Ifá*. Lagos, Unesco, 1975.
- \_\_\_\_\_. “The Yoruba Concept of Human Personality”. In: *La Notion de Personne en Afrique Noire*. Paris, Cnrs, 1981.
- ABRAHAN, R. C. *Dictionary of Modern Yoruba*, London, Hodder & Soughton, 1962 [1946].
- BARRETTI FILHO, Aulo. “Ofereanda ao Orí, borí, um rito de comunhão”. *Revista Ébano*, Ano IV n° 21, pp. 4, São Paulo, 1984.
- \_\_\_\_\_. “A Imortalidade Yorùbá nos Candomblés Kétu”. Comunicação apresentada no *XXIII Moitará – Encontro da SBPA - Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*. Campos de Jordão, SP, 2009. 25 pp. (mimeo–inédito)
- \_\_\_\_\_. “*Òsòòsì e Èsù, os Òrìsà Alákétu*”. In: *Dos Yorùbá ao Candomblé Kétu*. Aulo Barretti Filho (Org.), pp. 75-139. São Paulo, Edusp, 2010.
- \_\_\_\_\_. “A Imortalidade Yorùbá” - Nascimento e Morte na Religião dos *Òrìsà*. Conferência apresentada em Santo André e em São Paulo, SP. 2011/2012.
- \_\_\_\_\_. *Site de Artigos e Textos*. Internet, 2012. (antigo site da UOL, totalmente revisado, adaptado e ampliado) <http://aulobarretti.wordpress.com>
- CROWTHER, S. *A Dictionary of the Yoruba Language*. Ibadan, CMS, Oxford University Press, 1980 [1950-1913].

- ELBEIN DOS SANTOS, Juana. “Èṣù Bara, principle of individual life in the Nàgó System”. In: *La Notion de Personne en Afrique Noire*. Paris, Cnrs, 1981.
- FADIPE, N. A. *The Sociology of the Yoruba*. Ibadan, Ibadan University Press, 1970.
- FÁLÀDÉ, Fásínà. *Ifá: The Key to it's Understanding*. Lynwood, Àrà Ifá Pub., 1997.
- FAMA, Àiná A. S. *Fama's Èdè Awo – Òrìsà Yorùbá Dictionary*. San Bernadino, Ilé Òrúnmilà Comm., 1999.
- IDOWU, E. Bolají. *Olódùmarè, God in Yoruba Belief*. Ibadan, Longman Group, 1977.
- JOHNSON, James. “Yoruba Heathenism”. In: *At the Back of the Man's Mind*. Dennet, R. E., London, Frank Cass & Co. Ltda, 1968 [1921].
- LAWAL, Babatunde. “Orilonise: The Hermeneutics of the Head and Hairstyles among the Yoruba”. In: *Tribal Arts*, Internet: [www.tribalarts.com/feature/lawal/](http://www.tribalarts.com/feature/lawal/), 2002.
- NEIMARK, Philip John. *The Way of the Orisa*. San Francisco, Harper San Francisco, 1993.
- OKEMUYIWA, Gbolaha. “Ìrúnmolè and their Relationship with Man”. *Orunmila Magazine*, n° 2, Lagos, 1986.
- VERGER, Pierre. “Notion de Personne et Lihnée Familiale chez les Yoruba” In: *La Notion de Personne en Afrique Noire*. Paris, Cnrs, 1981.
- \_\_\_\_\_. “O Deus Supremo Iorubá, uma Revisão das Fontes”. *Afro-Asia*, n° 15, pp. 18-35, Salvador, Ceao, 1992.
- ZIEGLER, Jean – *Os Vivos e a Morte*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977.